

## **A competitividade internacional do tabaco do sul do Brasil :1997-2014**

### **The tobacco international competitiveness of the South Brazil :1997-2014**

Ricardo Candéa Sá Barreto<sup>1</sup>

João Maurício Silva Novais<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo do estudo é analisar a inserção do tabaco sulista no comércio internacional. Para tanto, foram utilizados dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-Web), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) nos anos de 1997 a 2014. Adicionalmente, foram construídos os índices de vantagens relativas e de competitividade revelada para observar o comportamento da produção do estado no comércio internacional. Os resultados mostram que a região sul apresenta ligeira vantagem relativa nas exportações de tabaco ao longo dos anos considerados. A competitividade revelada mostrou-se positiva, porém, apresenta vantagem de maior magnitude a partir de 2005.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vantagens comparativas; Competitividade; Tabaco; Sul do Brasil

#### **ABSTRACT**

The research analyses the international competitiveness of the southern tobacco in international trade. We used data analysis system of the Foreign Trade Information Internet (ALICE-Web), the Foreign Trade Secretariat (SECEX) of the Ministry of Development, Industry and Foreign Trade (MDIC) in the years 1997-2014. Additionally, advantages index were constructed for and competitiveness revealed to observe the state of the production behavior in international trade. The results show that the southern region has a high relative advantage in tobacco exports over the years considered. The revealed competitiveness was positive, however, advantage of greater magnitude since 2005.

**KEY-WORDS:** Comparative advantages; Competitiveness; Tobacco; South of Brazil

**JEL:** F13, F19, C23.

**Enviado em:** 14/04/2016

**Aprovado para publicação em:** 08/09/2016

#### **INTRODUÇÃO**

As relações econômicas, políticas e sociais entre os países se intensificaram como consequência do processo de globalização e, neste sentido, torna-se fundamental a compreensão das relações competitivas entre os países no comércio internacional. O Brasil desde 1993 ocupa lugar de destaque no comércio internacional

---

<sup>1</sup> CAGECE. E-mail: [ricardocandea@yahoo.com.br](mailto:ricardocandea@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Bacharel no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas a Negócios Internacionais pela Universidade Estadual de Santa Cruz e Assistente Administrativo na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail : [jomaurinovais@gmail.com](mailto:jomaurinovais@gmail.com)

de tabaco<sup>3</sup>, sendo o maior exportador do mundo e o segundo quanto à produção, atrás apenas da China (FAO, 2015).

Apesar de as exportações de tabaco em folha não apresentarem uma participação expressiva na balança comercial brasileira, a cultura do fumo apresenta grande relevância na produção agrícola e na renda gerada em determinadas localidades do País, particularmente na Região Sul, que responde por mais de 90% da produção nacional de fumo.

Silva e Tillmann (2009) ressaltam que a cadeia do fumo possui uma estrutura centrada em oligopólio de capital multinacional que dá suporte à eficiência das relações entre os elos, refletindo-se em termos de mercado externo. Nos últimos vinte anos, num contexto de expansão do capital agroindustrial de tabaco, a região Sul do Brasil não apenas manteve-se valorizada como fortaleceu sua condição de lugar estratégico na produção e comercialização de tabaco em folha no âmbito mundial.

A compreensão da competitividade no comércio internacional teve uma nova conotação a partir da Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas propostas por Bela Balassa, em 1965. Essa teoria tem como objetivo identificar para quais commodities um país apresenta Vantagem Comparativa na produção e na Exportação. Nessa teoria, a Vantagem Comparativa é considerada revelada, pois sua quantificação se baseia em dados ex-post, ou seja, em dados pós-comércio (BALASSA, 1965).

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar a competitividade da Região Sul do Brasil na exportação de tabaco, atividade econômica de expressiva importância para inserção no mercado internacional. Para tanto, recorre-se a dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) para os anos de 1997 a 2014.

Além da parte introdutória, o trabalho contém mais cinco seções. A segunda seção é uma breve discussão acerca do comércio internacional de produtos agrícolas brasileiros. A terceira parte trata das exportações do Sul, levando-se em consideração o tabaco. As seções quatro e cinco foram reservadas, à metodologia e aos resultados e discussões, respectivamente, e, por fim, às considerações finais.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMÉRCIO INTERNACIONAL TABACO DO SUL BRASILEIRO**

A qualidade do tabaco produzido no Brasil, à possibilidade de produzi-lo a um dos menores custos dentre os países produtores, fez as empresas transnacionais se instalarem no Brasil para vendê-lo no mundo (SILVA; TILLMANN, 2009). Além disso, Oliveira e Biolchi (2004) ressaltam que não pode ser negado que a inserção para exportação de produtos processados trouxe ganhos excepcionais para estas, que deixaram de vender cigarro e passaram, desde então, a exportar fumo em folha para beneficiamento em seus países de origem. Ou seja, na cadeia do fumo uma parte fundamental da agregação do valor e da geração de empregos se realiza em outros países.

---

<sup>3</sup> Tabaco não manufaturado (Tobacco, unmanufactured). Códigos 24011010 a 24012090 e 24013000 na NCM.

Entretanto é importante ressaltar que nos últimos anos, é crescente o debate no âmbito acadêmico e político referente à indústria do tabaco apontando os efeitos nocivos do consumo do fumo e seus derivados, o que tem levado muitos países elaborar propostas objetivando encontrar alternativas para a redução da oferta e do consumo. Em contraposição a este movimento, a importância econômica desta atividade como geradora de emprego e renda é utilizado como argumento favorável à sua manutenção.

Conforme Conejo (2006) a longo prazo, o número de fumantes tende a aumentar devido, principalmente, à expansão da população mundial. Cogita-se que em 2030 a população terá aumentado em mais de 2 bilhões de habitantes. Mesmo que a porcentagem de fumantes no mundo diminua, o número absoluto de fumantes aumentará. O decréscimo estimado da população masculina fumante será superado pelo aumento da população feminina fumante, especialmente em economias em desenvolvimento.

Contudo, a mesma autora fatores que emerge como barreiras ao alcance de margens ainda maiores por parte da indústria é a grandiosa carga tributária aplicada, uma estimativa feita pela autora mostra uma carga de 66,22% de tributos conforme dados da Receita Federal.

Ainda segundo Conejo (2006) uma segunda barreira é o mercado ilegal de cigarros no Brasil representa, atualmente, cerca de 35% do mercado, sendo considerado não somente um problema econômico - o Governo perde em arrecadação valores na ordem de milhões de reais - mas também um problema de saúde pública. Os menores preços, proporcionados pela venda ilegal de produtos derivados do tabaco, podem gerar um aumento do consumo destes artigos prejudiciais à saúde, pois possibilitam o acesso por parte de pessoas de baixa renda e jovens, incrementando as estatísticas de adoecimento e morte relacionadas às doenças provocadas pelo fumo.

Em terceiro, o setor é alvo de programas de combate ao fumo e restrições que comprometem algumas atividades estreitamente ligadas ao setor, em especial, a propaganda. O grande poder de persuasão conferido à propaganda de cigarros é combatido através da veiculação de campanhas que combatem o uso do tabaco e, ainda, da instauração de medidas restritivas a este campo de atividade no caso da indústria do cigarro. Ocorre assim a disseminação das restrições às ações de publicidade e propaganda que é um processo irreversível e já atingem muitos países, em especial, as economias desenvolvidas (CONEJO, 2006).

Lima e Lisboa Filho (2006) desatacam ainda a concorrência local e internacional, consequência da globalização mundial dos mercados, obriga as empresas a esmerarem-se na qualidade de seus produtos. Entretanto essa procura insistente da qualidade faz com que o Brasil se destaque no comércio internacional de fumo pelos seguintes fatores: 1º grandes volumes e estilos de fumos; 2º fumos de alta qualidade (aroma); 3º preços competitivos; 4º amplo mercado doméstico; 5º fornecimento regular de fumos; 6º estabilidade social e econômica; 7º processamento, serviços e ISO; 8º sistema integrado de produção; e 9º produtor competente e responsável.

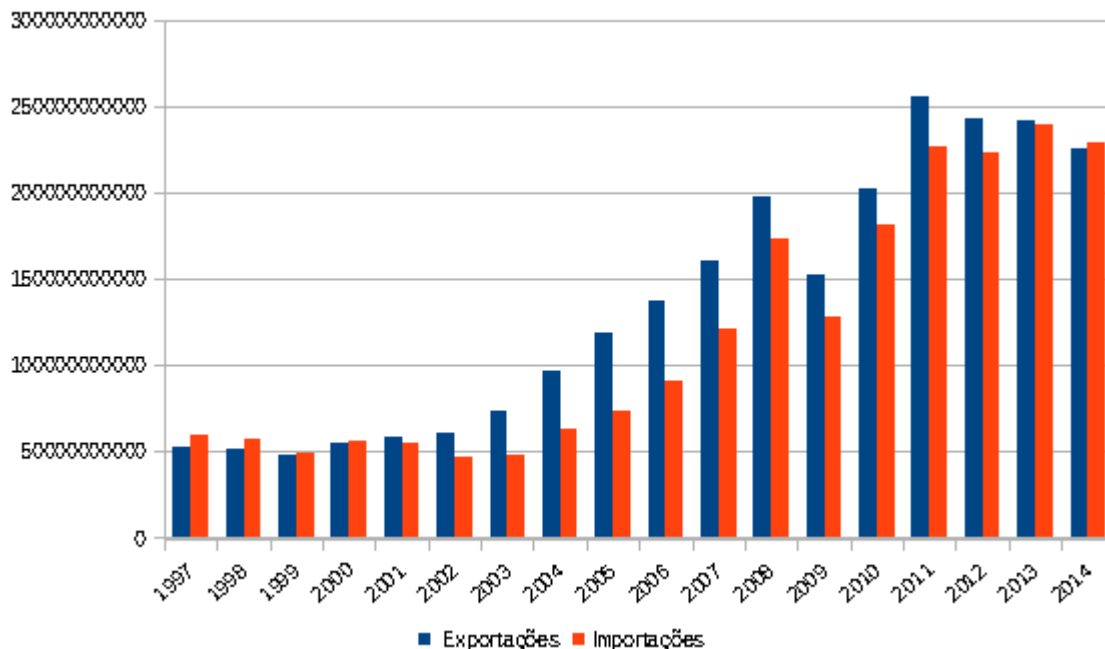
Além disso, a qualidade do fumo brasileiro, a possibilidade de produção com baixos custos (um dos menores dentre os países produtores) e a capacidade de abastecimento do mercado externo são fatores que têm garantido a expansão das exportações brasileiras e mantêm o país na liderança mundial desta *commodity* desde 1993 (BONATO, 2006).

Outros elementos são apontados por Leamer e Stern (1970), como o efeito competitividade, além dos preços relativos, recebe influência de outros fatores tais como mudanças tecnológicas, medidas de incentivo, maiores ações de marketing, aprimoramento dos mecanismos de financiamento e crédito e habilidade para atender com prontidão as encomendas dos importadores.

No caso específico do Brasil uma grande ampliação da produção ocorreu, inserida no contexto de intensa expansão do setor tabaqueiro em âmbito mundial, caracterizada por acirrada concorrência oligopolista pelos mercados consolidados e pelos mercados emergentes de tabaco e de cigarro, e pelo aprofundamento dos graus de centralização e de concentração de capital. Em tal processo, ampliaram-se a modernização e a integração das atividades produtivas, e, diversificou-se o conjunto de agentes sociais que participa da produção e da circulação do tabaco, revelando uma maior complexidade do modo de funcionamento do setor, e de sua correspondente organização espacial, tanto na escala global quanto na escala nacional (SILVEIRA; DORNELLES, 2010).

O crescimento progressivo da produção de tabaco no Sul do país, fez com que o Brasil alcançasse atualmente a posição de segundo maior produtor mundial de tabaco em folha, e desde 1993 o posto de principal país exportador. Se por um lado a longa tradição do país em cultivar e exportar o tabaco contribui para essa participação no mercado mundial de tabaco, por outro lado é preciso registrar que existe um conjunto de fatores internos e externos que explica e fundamenta esse desempenho (SILVEIRA; DORNELLES; FERRARI, 2012).

**Figura 1:** Exportações e importações totais do Brasil desde 1997 a 2014



**Fonte:** MDIC, 2015.

Os dados referentes acima mostram o andamento evolutivo da participação do Brasil, tanto nas exportações como nas importações, fazendo referência ao que foi

citado pelos autores acima quanto ao mapa evolutivo à produção de tabaco no Sul do país e fica possível observar que a cada ano foi crescente sua participação no mercado mundial.

Também tem sido favorável à competitividade da produção e exportação brasileiras, o baixo preço do produto pago aos produtores de tabaco pelas agroindústrias. “No Brasil, o preço recebido pelo produtor é 4,5 vezes menor que nos Estados Unidos, 7,5 vezes menor que na Europa e 13,5 vezes menor que no Japão, conforme dados divulgados pelo SINDIFUMO-SP.” (DESER, 2007, p.24).

Além disso, desde meados da década de 1990, a relativa estabilidade da economia brasileira e a farta oferta de financiamento bancário à produção do tabaco tornaram o produto brasileiro altamente competitivo no mercado mundial, e a atividade de beneficiamento industrial do tabaco no país, um negócio altamente lucrativo às corporações multinacionais que controlam através de oligopólio essa atividade no território brasileiro (SILVEIRA; DORNELLES; FERRARI, 2012).

O complexo agroindustrial do tabaco no Brasil está instalado, principalmente, na região Sul do país, onde 95% da produção de tabaco do país, em 2006 foram realizadas por aproximadamente, 186 mil famílias de agricultores em pequenas propriedades com área média de 17 ha, localizadas em 730 municípios nos três Estados do Sul do Brasil (SINDITABACO, 2009).

Nos três estados do Sul do Brasil a distância das principais e maiores usinas de processamento instaladas no Rio Grande do Sul, levou às empresas a instalarem unidades de compra de tabaco próximas às áreas de produção, que depois encaminham o tabaco para o processamento nas usinas gaúchas.

A análise dos dados obtidos nos Censos Agropecuários do IBGE, de 1996 e 2006, do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de 2015, e dos dados e informações levantadas junto à Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) e ao Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (DESER) relativos a variáveis selecionadas – produção e produtividade do tabaco, condição do produtor, área colhida – permitiu identificar e compreender melhor as características do processo de expansão da cultura do tabaco no Sul do Brasil. Isso possibilitou compreender como vem ocorrendo a organização e o funcionamento da produção agroindustrial de tabaco, e também a dinâmica de organização espacial e de usos do território nessas áreas rurais produtoras de tabaco.

Observando a Tabela 1, verifica-se que entre 1996 e 2014, no contexto da região, o principal estado produtor permanece sendo o Rio Grande do Sul com 48% da produção regional e com 49% da área colhida de tabaco na região. Observa-se também que nesse período tivemos na região Sul um aumento expressivo de 103% na produção de tabaco, resultante do acréscimo de 134 mil novos hectares colhidos com tabaco.

No entanto, é preciso considerar que esse forte aumento na produção se deve também ao aumento da produtividade na lavoura de tabaco. Os dados evidenciam que se em 1996, a produtividade era, em média, de 1,55 tonelada/hectare, em 2014 ela ampliou para 2,10 toneladas/hectares. Isso mostra a importância nessa expansão do papel da introdução, pelas empresas agroindustriais, de um conjunto de novas normas técnicas de produção agrícola e de cura do tabaco, e o crescente, ainda que desigual, uso de novos objetos técnico-científicos e informacionais pelos produtores de tabaco.

**Tabela 1.** Brasil, Região Sul e Estados: quantidade produzida, área colhida e produtividade da lavoura de tabaco – 1996, 2006 e 2014.

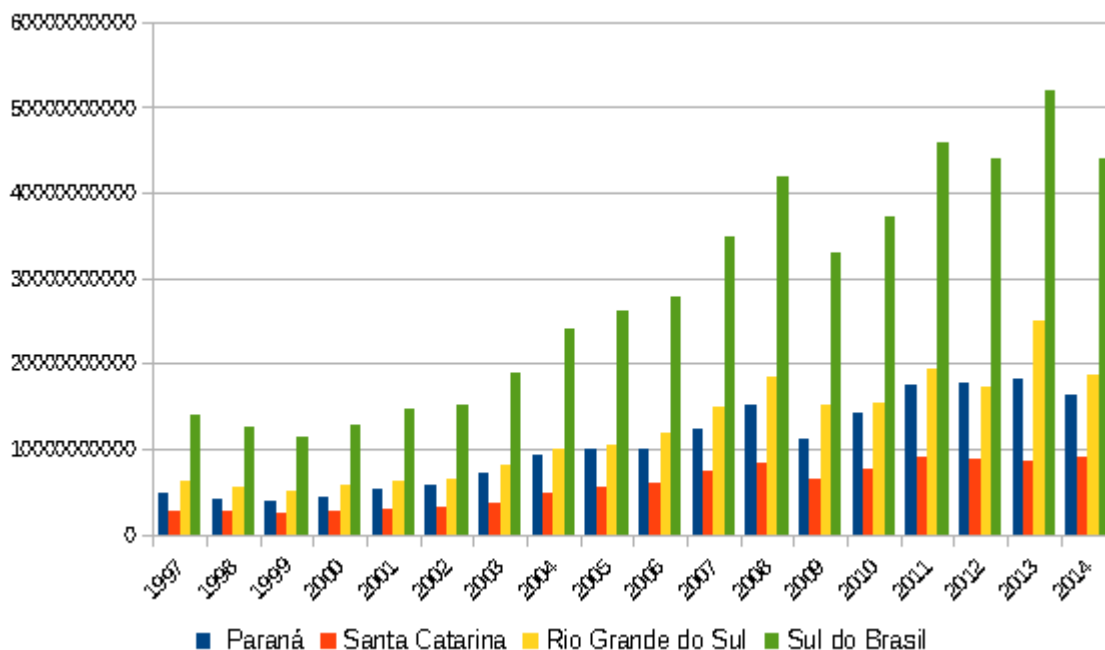
Unidades Territoriais	Quantidade Produzida em toneladas					
	1996	(%)	2006	(%)	2014	(%)
Brasil	451.418	100,00	1.109.036	100,00	857.404	100,00
<b>Sul</b>	<b>413.342</b>	<b>91,57</b>	<b>1.049.724</b>	<b>94,65</b>	<b>842.540</b>	<b>98,27</b>
Paraná	53.128	11,77	294.660	26,57	171.673	20,02
Santa Catarina	163.310	36,18	306.530	27,64	258.245	30,12
Rio Grande do Sul	196.904	43,62	448.534	40,44	412.622	48,12
Outros Estados	38.076	8,43	59.312	5,35	14.864	1,73
Área colhida em hectares						
	1996	(%)	2006	(%)	2014	(%)
Brasil	304.376	100,00	567.970	100,00	414.483	100,00
<b>Sul</b>	<b>267.234</b>	<b>87,80</b>	<b>516.733</b>	<b>90,98</b>	<b>401.386</b>	<b>96,84</b>
Paraná	38.160	12,54	127.923	22,52	76.137	18,37
Santa Catarina	101.520	33,35	154.702	27,24	120.641	29,11
Rio Grande do Sul	127.554	41,91	234.108	41,22	204.608	49,36
Outros Estados	37.142	12,20	51.237	9,02	13.097	3,16
Produtividade em tonelada/hectare						
	1996		2006		2014	
Brasil	1.48		1.95		2,07	
<b>Sul</b>	<b>1.55</b>		<b>2.03</b>		<b>2,10</b>	
Paraná	1.39		2.30		2,25	
Santa Catarina	1.61		1.98		2,14	
Rio Grande do Sul	1.54		1.92		2,02	
Outros Estados	1,03		1,16		1,13	

**Fonte:** IBGE – Censos agropecuários (1996; 2006) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2015).

A análise da produção de tabaco no Sul do Brasil é desenvolvida a partir dos dados da Figura 1 e a análise da exportação é realizada a partir dos dados da Figura 2 que apresenta a evolução no período entre 1997 e 2014, tanto para exportações quanto para importações as produções tabaqueiras relativas aos três estados, maiores produtores e toda a Região Sul do Brasil durante o período pesquisado.

Para o estudo observado fica claro uma crescente evolução durante o período, apenas Santa Catarina não teve uma grande participação nas exportações e o Paraná obteve um percentual menor no ano de 1999, mas em seguida continuou elevando em sua produção. Os três estados juntos fizeram com que a Região Sul do Brasil se mantivesse mais uma vez à frente chegando ao ano de 2014 com um índice de vantagem na exportação total de US\$ 44.015.044.217 FOB.

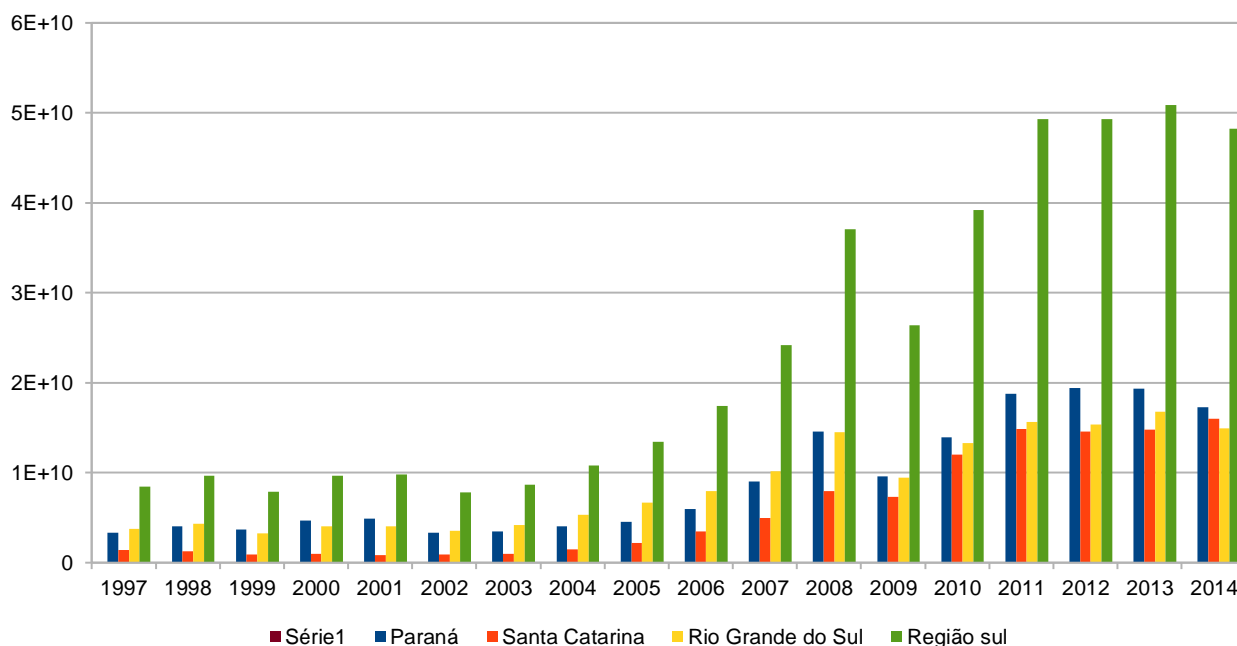
**Figura 2:** Valor US\$ FOB das exportações do Sul do Brasil de 1997 a 2014.



Fonte: MDIC, 2015.

Relativo às importações do Sul do Brasil, vale observar mais uma vez que Santa Catarina teve uma participação bem menor nos primeiros anos, mas teve uma elevação acentuada relativo aos outros estados estudados e ambos colocaram a Região Sul do Brasil com uma importação equivalente alta relacionando a qualquer outra Região do Brasil que também produza tabaco. (Figura 3)

**Figura 3:** Valor US\$ FOB importações totais da Região Sul de 1997 a 2014.



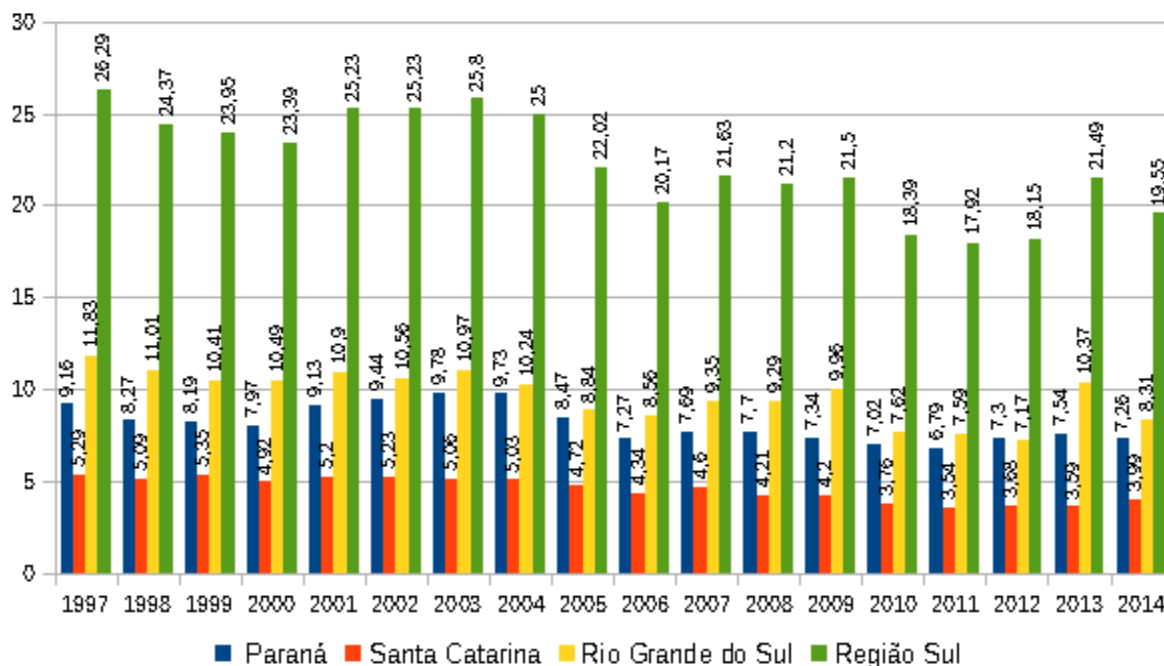
Fonte: MDIC, 2015.

## EXPORTAÇÕES DO SUL DO BRASIL E PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DE TABACO

Conforme a figura 4 abaixo, a oscilação da participação relativa das exportações totais do Sul do Brasil, entre os três estados avaliados, variou cerca de 3,54% entre seu mínimo e máximo, não ultrapassando, sob esse aspecto, o percentual de 11,83%.

Até 2004, o Sul atinge sua participação máxima estável, teve uma pequena queda, mas ao final cresceu chegando em 2013 com 21,49% dos produtos, que aumentaram em cerca de 80% suas exportações (SECEX, 2009 - Exportações do Sul apud SANTOS; CAVALCANTE; FILHO, 2014, p. 104). Assim, seguiu nos três estados, foram consequência de uma variação inferior à variação nacional. Seguido com uma baixa participação de Santa Catarina, devido a sua baixa produção em relação ao produto, mas que manteve seu nível em 2009 com 4,20% e chegando em 2014 com participação de 3,99% no mercado brasileiro.

**Figura 4:** Participação relativa da Região Sul nas exportações totais do Brasil de 1997 - 2014.



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC, 2015.

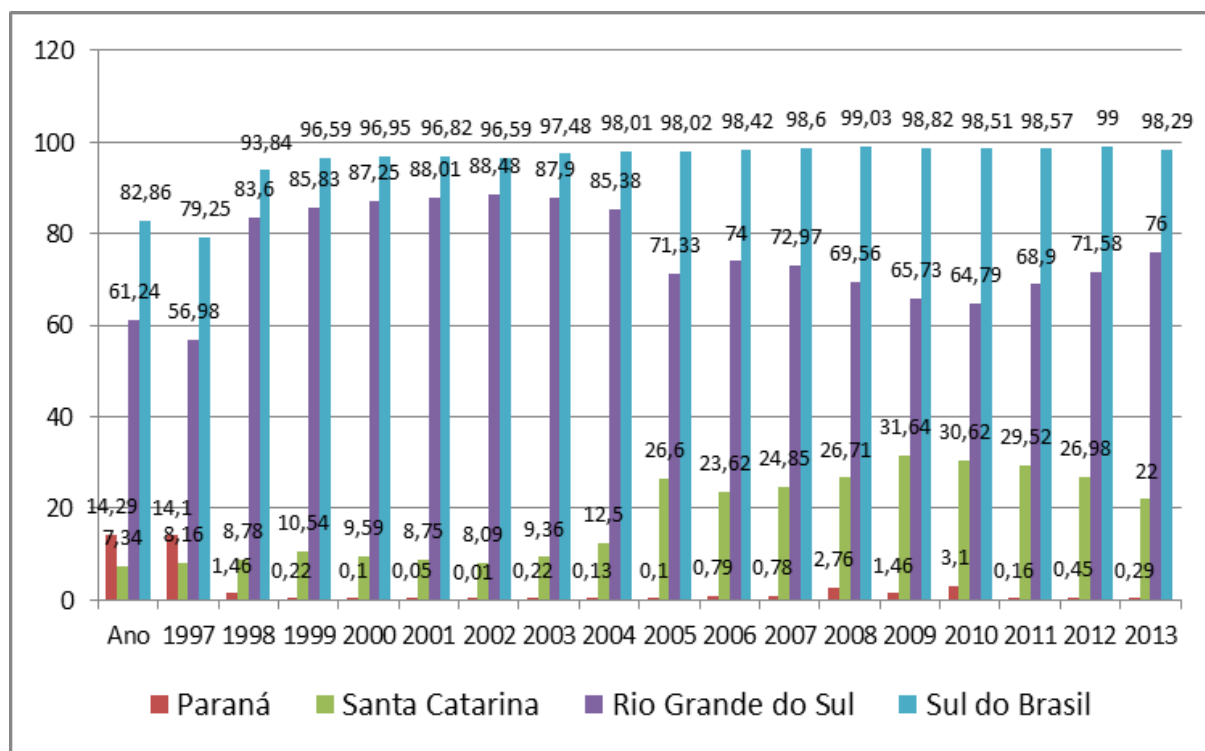
Em relação à participação do Sul nas importações totais do Brasil, os dados da figura 5 abaixo, deixam claro que é pouco expressiva em relação ao observado nas exportações e um pouco mais oscilante ao longo dos anos analisados.



O crescimento das importações do Sul do Brasil acima da média brasileira elevou gradativamente a partir de 2008, até que, em 2014, sofreram uma leve queda. A elevação das importações que obteve entre 2010 e 2013 (cerca de 22,09%) não foi significativa para aumentar a participação, provocando, uma leve queda ao final de 2014 nos pontos percentuais chegando a uma participação de 19,55% pontos percentuais, mantendo-se desse modo à tendência.

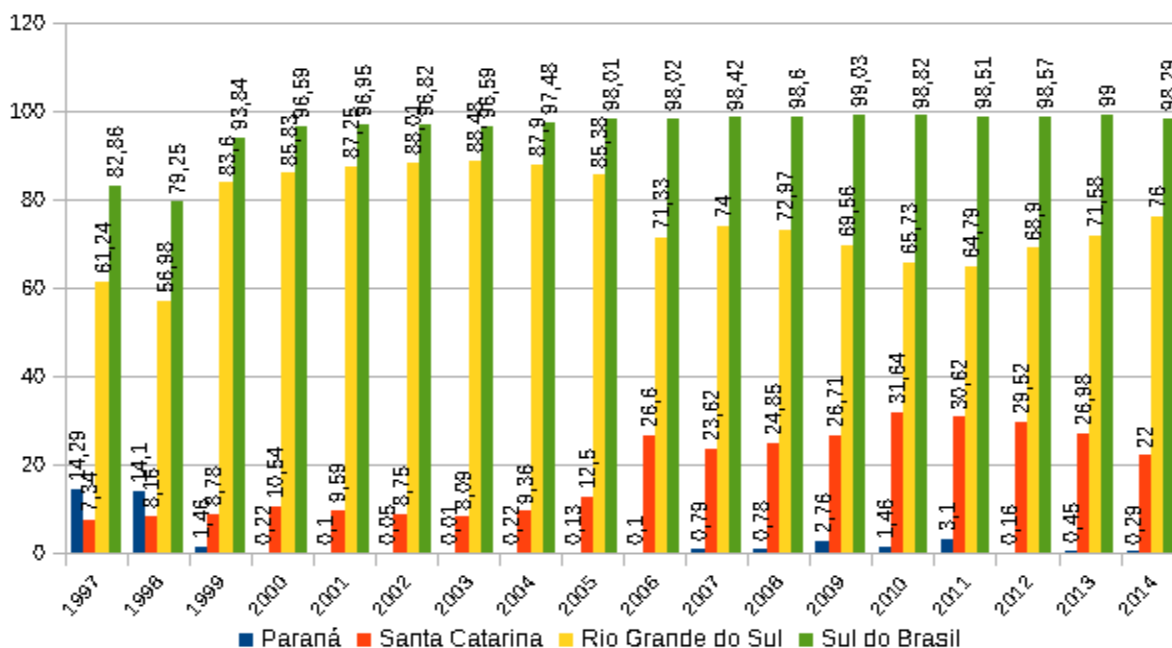
Em relação às importações de tabaco, produto central observado nesse estudo, os dados da figura 5 mostram que o Sul do Brasil, no geral, obteve uma contribuição relativamente pequena em relação às exportações desse produto, no montante brasileiro. No ano de 2001, em relação às importações alcançava o maior percentual entre todos os anos analisados, com relação ao total do Sul do Brasil 22,09% no ano de 2012 de todo o tabaco exportado pelo país.

**Figura 5:** Participação relativa da Região Sul nas importações totais do Brasil de 1997 – 2014.



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC, 2015.

Na figura 6, acima, vale apenas observar o quanto o estado do Paraná decaiu na participação relativa obtendo índices baixíssimos depois do ano de 1998, com uma queda brusca em percentuais da taxa US\$ FOB, fazendo um comparativo com os outros dois estados analisados, mas, estes dados não afetaram o todo que é a Região Sul com quase 100% no ano de 2013.

**Figura 6:** Participação relativa das exportações totais de tabaco da Região Sul do Brasil de 1997 – 2014.

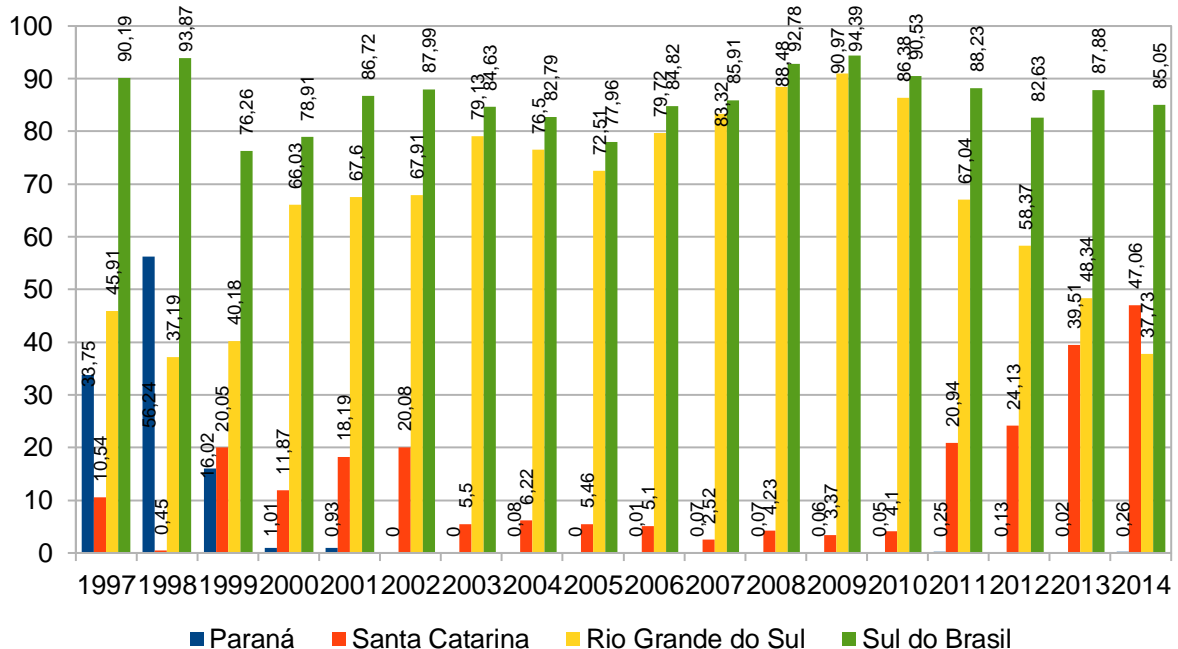
**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC, 2015.

Considerando-se as importações de tabaco da Região Sul em relação às importações desse produto pelo Brasil, os dados da figura 7 abaixo, mostram uma participação pequena de dois dos estados, na maior parte dos anos observados, ou seja, além de ser um pequeno produtor de tabaco, também importa um valor acentuadamente reduzido do produto, nas condições especificadas nesse estudo, em relação ao país como um todo.

Ainda observando os dados obtidos na tabela 6, as participações relativas nas importações, mais uma vez chama a atenção aos três primeiros anos de 1997 a 1999 para o estado do Paraná que saiu de 33,75% no primeiro ano a 0,26%, para Santa Catarina, em 1998 chegou a 0,45% e entre o ano de 2003 a 2010 também obteve uma acentuada queda, mas em 2014 recuperou com 47,06. Saindo do primeiro ano com um percentual de 10,54%. O estado do Rio Grande do Sul foi o que mais ressaíu percentualmente, equiparando ao total geral da Região Sul. Esta, iniciou em 1997 com 90,19%, chegando no ano de 2014 com 85,05% em participação relativa.

Em relação ao fumo, o Rio Grande do Sul é o maior exportador dentre os estados da Federação, ao passo que o Brasil é o maior exportador do mundo. De acordo com o MAPA (2012), apesar da campanha contra o tabaco, os fumicultores gaúchos continuarão abastecendo o mercado internacional, enquanto não forem obrigados a parar, por lei ou por força da demanda, pois a fumiicultura é uma atividade que proporciona uma alta rentabilidade (FRIES, CONTE e CORONEL, 2014).

**Figura 7:** Participação relativa das importações de tabaco da Região Sul nas importações totais de tabaco do Brasil de 1997 – 2014.



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC 2015.

## METODOLOGIA

Inicialmente é necessário salientar que a presente Metodologia tem por base o trabalho de SANTOS; CAVALCANTE; FILHO (2014), que trata acerca da competitividade do cacau baiano frente ao comércio internacional.

Neste artigo, porém, procura-se analisar a competitividade da Região Sul do Brasil nas exportações de tabaco. Por esse âmbito, o conceito de competitividade é definido como as variações da participação de uma região ou grupo de regiões no comércio internacional.

O índice de vantagem relativa nas exportações  $VRE_{pi}$  é normalmente empregado para observar o comportamento de uma região  $i$  nas exportações de um determinado produto  $p$  em um período de tempo previamente estabelecido. A expressão que constitui o cálculo comporta-se da seguinte forma:

$$VRE_{pi} = \ln \left[ \frac{\frac{X_{pi}}{X_{pr}} / X_{mi}}{X_{mr}} \right]$$

Em que:

$X$  = as exportações;

$p$  = produto (tabaco);

$i$  = região (Sul do Brasil);

$m$  = agregado de todos os produtos, excluindo-se  $p$ (tabaco);  
 $r$  = todas as regiões (estados), excluindo-se  $i$ (Sul do Brasil).

Quando  $VREpi = 0$ , tem-se que as exportações de tabaco no total das exportações da Região Sul são idênticas à observada no Brasil. Nesse caso, o Sul não revela vantagem nem desvantagem na comercialização de tabaco; se  $VREpi > 0$ , a Região Sul revela vantagem na exportação de tabaco; porém, se  $VREpi < 0$ , tem-se desvantagem.

No que concerne à competitividade revelada, esse índice é acentuadamente mais abrangente, levando em consideração todas as relações comerciais, sem necessariamente se deter nas exportações. Nesse caso, observam-se as importações e exportações de um setor comercializado pelo país ou região. Assim, o índice se constitui a partir da seguinte expressão:

$$ICRVpi = \ln \left[ \left( \frac{\frac{Xpi}{Xpr}/Xmi}{Xmr} \right) / \left( \frac{\frac{Mpi}{Mpr}/Mmi}{Mmr} \right) \right]$$

Em que,

$M$  = Importações;

$p$  = produto (tabaco);

$i$  = região (Sul do Brasil);

$m$  = agregado de todos os produtos, excluindo-se  $p$ (tabaco);

$r$  = todas as regiões (estados brasileiros), excluindo-se  $i$ (Sul do Brasil).

Para a interpretação do  $ICRVpi$ , recorre-se à mesma lógica utilizada anteriormente para o  $VREpi$ . Desta feita, a seção seguinte analisará os dois indicadores apresentada como método empírico para o estudo.

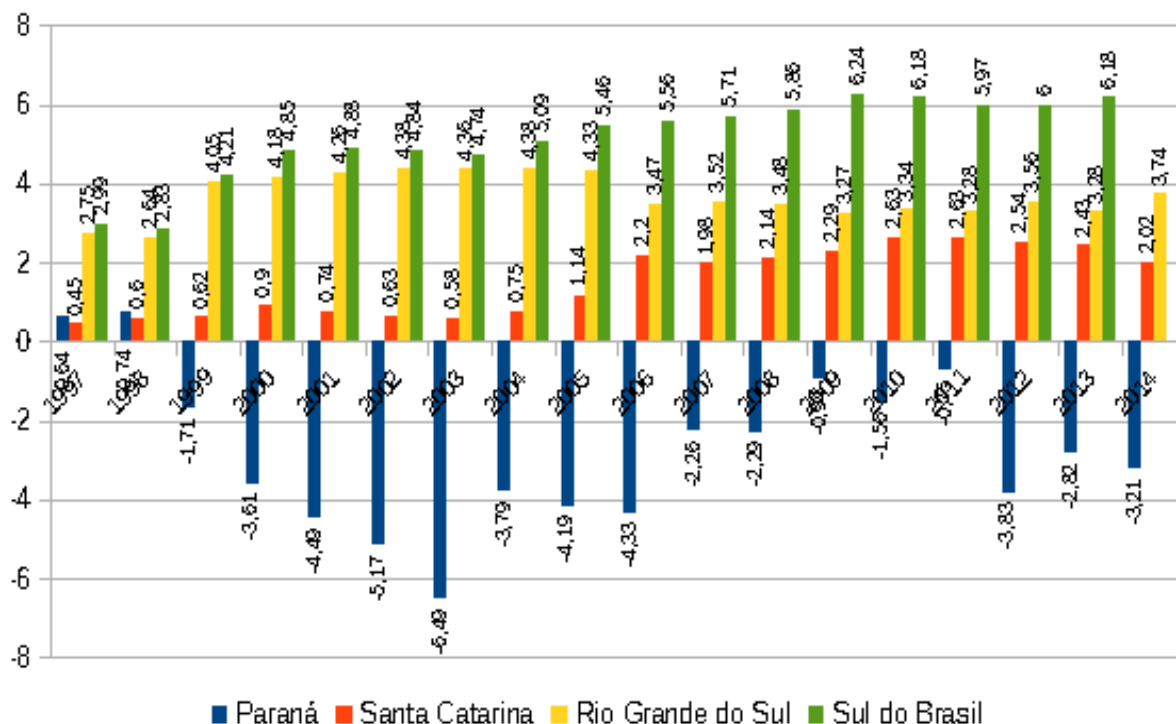
O indicador de Vantagem Comparativa Revelada, ou Vantagem Relativa das Exportações, é um indicador de competitividade muito utilizado para se verificar a capacidade de competição de determinado produto, região ou país. Este indicador parte do pressuposto de que o país em questão tende a se especializar nas exportações de produtos que ofereçam vantagens competitivas. Para tanto, o indicador deve apresentar um valor superior a 1 para produtos competitivos, evidenciando que a participação do produto em questão na pauta do país analisado é superior à participação do país no mercado global em geral. Em outras palavras, esse indicador mostra se determinado produto apresenta vantagem nas exportações frente ao tal da pauta do país em questão. (VICENTE, 2005, p.7).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação aos índices de vantagens relativas nas exportações de tabaco da Região Sul do Brasil, os dados da figura 8 abaixo, mostram que, no ano de 1998, o estado do Paraná apresentou seu melhor desempenho chegando a 0,64% no valor do índice, passando para o índice mais negativo em 2003 com -6,49. A partir destes dados, as vantagens relativas nas exportações mostram um aumento para Santa Catarina e para o Rio Grande do Sul redução acentuada com queda razoável. Mas, estes estados não afetaram no total da Região Sul que no índice de 1997 começou

com 2,99, chegando entre os anos de 2009/2013 a 6,24/6,18 e fechando em 2014 a 5,73, com boa vantagem relativa.

**Figura 8:** Índice de vantagem relativa nas exportações de tabaco: Região Sul, 1997-2014.



**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC, 2015.

Este resultado corrobora com o encontrado por Fries, Conte e Coronel (2014) que encontraram um aumento significativo das exportações mundiais de fumo, o que contribuiu para o efeito crescimento do comércio mundial, pois as exportações desta *commodity*, no período II (2005-2008), foram 41% maiores em relação ao período I (2001-2004), sendo que as exportações gaúchas tiveram um aumento de 60% no mesmo período.

Esse aumento das exportações de fumo segundo os autores estaria diretamente ligado às mudanças ocorridas no mercado externo, principalmente no que diz respeito à queda da produção de outros dois grandes produtores, os Estados Unidos e Zimbábue (Bonato, 2006). E da taxa cambial, uma safra de excelente qualidade e o crescimento da demanda por parte da China colaboraram para a boa *desempenho* das exportações de fumo do estado do RS (Garcia, 2002)

O mesmo fato ocorre na figura 9 abaixo, entre o período de 1998 a 2001, pois, registra-se o menor valor observado em toda a série (-2,64) para o estado do Paraná, (-1,93) para o estado de Santa Catarina com sinal de leve ascensão em 2007 com (2,45), mas apresentando já no último ano, 2014, redução do indicador negativo de (-0,53). Para o estado do Rio Grande do Sul manteve-se estável, mas, entre 2006 a 2011 com indicador negativo e ao final de 2014 fechou com (1,51). O total geral da Região Sul manteve-se bem, mesmo iniciando os dois primeiros anos no negativo,

mas ao final de 2014, estava com (2,24) no indicador da vantagem comparativa revelada.

Igualmente, os dados da figura 9 mostram que, apenas a partir de 2005, o estado do Rio Grande do Sul teve vantagens relativas reveladas nas exportações de tabaco.

Silva, Schutz e Souza (2016), em um trabalho semelhante analisaram o comportamento das exportações brasileira e catarinense de tabaco no período de 2000 a 2009, os seus resultados indicaram que a cadeia do fumo no Brasil embora tenha aumentando as exportações no período analisado, assim como a produtividade média, não registrou aumentos significativos de dinamismo das exportações. Entretanto o mesmo não ocorreu em Santa Catarina, que a partir da segunda metade do período em análise aumentou significativamente a participação nas exportações brasileiras bem como a eficiência do setor.

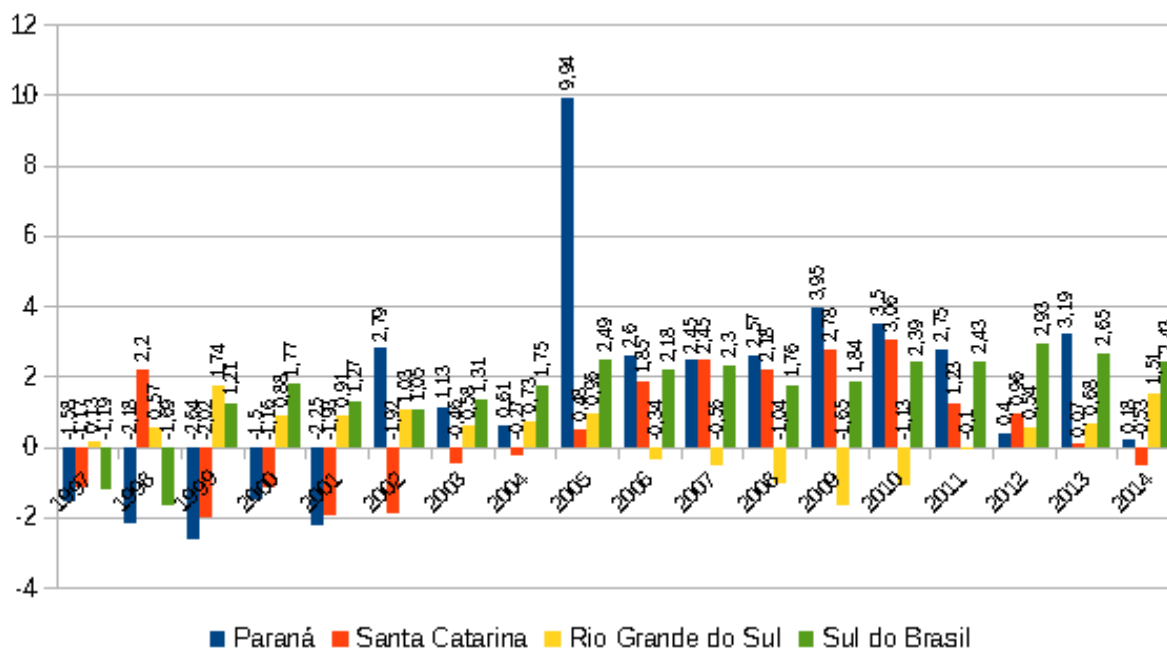
Os resultados da Figura 9 para o Estado de Santa Catarina foram semelhantes aos de Silva, Schutz e Souza (2016) mostraram índices para o estado de Santa Catarina que mostraram mudanças significativas no dinamismo do setor uma vez em boa parte do período analisado o estado apresentou uma desvantagem competitiva, sinalizado pelos índices negativos obtidos. Porém a partir de 2005 o estado começa a participar de forma mais ativa das exportações do fumo.

A mudança de comportamento do setor, conforme os autores, registrada em 2005 coincide com o aumento significativo no número de contratos de financiamentos concedidos a agricultores e cooperativas produtores de fumo no estado, desse modo a partir de 2006 o estado passa a registrar vantagens comparativas.

Já o trabalho de Fries, Conte e Coronel (2014) para o Estado do Rio Grande do Sul analisou a competitividade das exportações de fumo no período de 2001 a 2012. Os resultados indicaram que o Rio Grande do Sul apresentou Vantagens Comparativas Reveladas para o fumo em todo o período analisado. No que tange às fontes de crescimento, no primeiro período, o efeito competitividade foi o que mais colaborou para as exportações e, no segundo período, o efeito crescimento do comércio mundial foi preponderante. No que tange à orientação regional, a exportação do fumo está orientada com maior intensidade para a União Europeia.

Nos anos de 1997/98 observou-se neutralidade em relação às vantagens relativas reveladas nas exportações de tabaco para a Região Sul. Mas, finalmente, o todo para a região no seu total, apresentou boa vantagem relativa nas exportações. Conforme pode ser observado, a partir de 1999, o índice de vantagens comparativas reveladas apresentou-se positivo; com isso, tem-se que a Região Sul exporta mais o produto do que o importa. Assim, pode-se observar que o Sul, mesmo vivenciando uma crise na atualidade, ainda apresenta vantagens comparativas nas exportações do produto.

Este índice varia de zero a infinito e caracteriza os valores maiores que um como o de produtos possuidores de vantagem comparativa. Esta vantagem pode ser traduzida como indicador da superioridade do nível de eficiência produtiva e de comercialização brasileira frente aos demais países que atuam no mercado internacional, apesar das distorções existentes (WAQUIL *et al*, 2004). Uma forma alternativa de interpretação deste índice é como uma razão de proporções, pois seu resultado é a divisão entre a participação de um dado produto na pauta de exportação gaúcha sobre a participação deste nas exportações brasileiras

**Figura 9:** Índice de vantagem comparativa revelada de tabaco: Região Sul, 1997 – 2014.

**Fonte:** Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC 2015.

## CONCLUSÕES

Os principais resultados mostram que a participação das exportações da Região Sul no total do Brasil mantém-se ao longo dos anos com pequenas oscilações. Assim é que sai de uma posição de 26,29%, no ano de 1997, para outra de 19,55% no ano de 2014. Já em relação às importações, os resultados indicam menor oscilação, bem como participação relativa crescente no total importado pelo país. No primeiro ano foi registrada participação de 14,13% e, no último, de 22,09%, sendo o ponto máximo registrado em 2012, 4,90%, e o mínimo em 1997.

Em relação às exportações de tabaco, cerne central desta pesquisa, os principais resultados atestam ser ainda a Região Sul do Brasil, o maior exportador do produto, com participação positiva. Sendo que sua menor participação ocorreu em 1998, com 79,25% das exportações totais do tabaco no país. Seu melhor resultado foi constatado em 2009, quando foi responsável por 99,03% das exportações totais do produto em todo o Brasil. Porém, também é oportuno destacar que se apresenta como importador, sendo que em 2009, participou com 94,39% das importações totais de tabaco no país.

Em relação às vantagens relativas nas exportações de tabaco, A região sul apresenta bom desempenho. Porém, em relação às vantagens comparativas reveladas, o indicador mostrou-se negativo durante os anos de 1997 a 2006 e se mostrou positivo, a partir, de 2007. Isso o faz apresentar, atualmente, vantagem em relação à competitividade do produto.

Este trabalho corroborou as análises feitas por Silva, Schutz e Souza (2016), Fries, Conte e Coronel (2014), Dornelles *et al.* (2009) e Silva e Tillman (2009), que concluíram que, no comércio externo do tabaco, o Brasil é considerado um país

altamente competitivo em termos internacionais. Contudo, o estudo apresenta algumas limitações, tais como não considerar possíveis mudanças, no longo prazo, do comportamento da demanda chinesa, seja pela queda do seu crescimento demográfico, alterações no seu Produto Interno Bruto, seja pela utilização de produtos substitutos, bem como os impactos das barreiras econômicas que a China impõe.

Conclui-se que mesmo que o Sul do Brasil tenha se destacado no comércio internacional de tabaco, algumas medidas devem ser implementadas visando a ampliar sua competitividade, medidas essas voltadas para a valorização do produto, incentivo à produção e pesquisa, visando atender às novas exigências requeridas pelo mercado consumidor. A adoção de certificação de qualidade, como, por exemplo, a exigência dos principais blocos importadores, quando não cumprida, pode levar à suspensão das exportações sulistas de tabaco. Essa ocorrência traria grandes prejuízos às empresas e produtores, resultando em redução na participação no cenário mundial.

## REFERÊNCIAS

BALASSA, B. **Trade Liberalization and Revealed Comparative Advantage**. The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.

BONATO, A.A.A.. 2006. **A fumicultura no Brasil e a convenção-quadro para controle do tabaco**. São Paulo, Departamento de Estudo Socioeconômicos Rurais (DESER), 40 p.

MDIC-ALICE-WEB. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet. Site mantido pela Secretaria de Comércio Exterior e pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 2 de mar, 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secretaria do Comércio Exterior. **Evolução do comércio exterior brasileiro de 1950 a 2003**. Disponível em: [www.mdic.gov.br](http://www.mdic.gov.br). Acesso em: 20 Nov. 2014.

CONEJO, B. F.. **A estratégia de reação da indústria tabagista frente um cenário adverso. tcc**, Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Economia. 2006. 52p.

DESER – Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais. *A fumicultura no Brasil e a Convenção-Quadro para Controle do Tabaco*. Curitiba, Janeiro, 2007. 52 p. Disponível em: <[http://www.deser.org.br/pub\\_read.asp?id=109](http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=109)>. [Acessado em 05 junho, 2015].

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Statistical databases. Disponível em: < <http://faostat.fao.org/>>. Acesso em: 5 de jun. de 2015.

FRIES, C. D.; CONTE, B. P.; CORONEL, D. A..Análise das exportações gaúchas de fumo (2001-2012). **Perspectiva Econômica**, 10(1):1-13, janeiro-junho 2014



GARCIA, A.A. Exportações gaúchas: o que esperar de 2002. **Indicadores Econômicos FEE**, vol. 30, n.2,p.35-58, 2002.

IBGE. *Censo Agropecuário 1995-1996*. nº 1. Rio de Janeiro, 1998. 358 p. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuário\\_1995\\_1996\\_BR.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuário_1995_1996_BR.pdf)>. [Acessado 20 em junho, 2009].

IBGE. *Censo Agropecuário 2006*. nº 1. Rio de Janeiro, 2009. 777 p. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuário\\_2006.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoagropecuario/Censo%20Agropecuário_2006.pdf)>. [Acessado em 20 junho, 2015].

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola 2015. Rio de Janeiro, 2015. 358 p. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/default.asp?t=5&z=t&o=1&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1&u7=1&u8=1&u9=1&u10=1&u11=1&u12=3&u13=1&u14=26674&u15=1&u16=1&u17=1>>. [Acessado 20 em junho, 2015].

LEAMER, E.E.; STERN, R.M. 1970. **Quantitative international economics**. Chicago, Allynand Bacon, 150 p.1970.

LIMA, J. D.; LISBOA FILHO, F. F. Barreiras Comerciais para o Comercio Internacional de Tabaco entre: Brasil – China. **Rev. de Negócios Internacionais**, Piracicaba, v.4, n.6, p.13-17, 2006.

MELO, César Ely Santos de. **A cultura fumageira no recôncavo baiano e seu legado, cultural e econômico nesta região**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-cultura-fumageira-no-reconcavo-baiano-e-seu-legado-cultural-e-economico-nesta-regiao/67945/>. Acesso em: 20 Nov. 2014.

OLIVEIRA, M. A. ; BIOLCHI, M. A.. **Fumo: Produção Brasileira Cresce e Exportações Aumentam**. Boletim do DESER n. 141, São Paulo-SP, dez. 2004. Disponível em: [http://actbr.org.br/uploads/conteudo/56\\_335\\_BoletimDeser\\_fumo.pdf](http://actbr.org.br/uploads/conteudo/56_335_BoletimDeser_fumo.pdf)

SANTOS, P.L.; CAVALCANTE, A. W.P.; FILHO, L. A. da S.. A competitividade do cacau baiano frente ao comércio internacional. **Revista Economia & Tecnologia**, [S.I.], v. 9, n. 4, p.101-112, abr. 2013.

SINDITABACO. Sindicato das Indústrias de Tabaco. Estatísticas. Santa Cruz do Sul, 2009. Disponível em <http://www.sinditabaco.com.br>. Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

SILVA, F. G. R.; SCHÜTZ, G. A.; SOUZA, D. A.. **A cadeia produtiva do fumo em Santa Catarina**. Disponível em: <[http://www.apec.unesc.net/VI\\_EEC/sessoes\\_tematicas/Tema8EconomiaRegionaleUrbana/Artigo-7-Autoria.pdf](http://www.apec.unesc.net/VI_EEC/sessoes_tematicas/Tema8EconomiaRegionaleUrbana/Artigo-7-Autoria.pdf)> Acesso em: 15 de agosto 2016

SILVEIRA, R.L.L. da. e DORNELLES, M. Mercado mundial de tabaco, concentração de capital e organização espacial. Notas introdutórias para uma geografia do tabaco. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 10 de outubro de 2010, vol. XIV, nº 338. Dispon<<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-338.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

SILVEIRA, R. L. L.; DORNELLES, M.; Ferrari, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. **Biblio 3w** (Barcelona), v. XVII, p. 01, 2012.

SILVA, L. X.; TILLMANN, E. A.. Exportações e eficiência competitiva da cadeia brasileira do tabaco: vantagens comparativas reveladas e orientação regional. 47º congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009. p.14

VICENTE, J. R.. Competitividade do agronegócio brasileiro, 1997-2003. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19, jan./jun. 2005.

WAQUIL, P. et al.. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Europeia. **Revista de Economia e Agronegócio**. v.2, n.2, p.137-160, abr./jun., 2004.